

UM VELHO CHICO

Argumento Cinematográfico

Cícero Soares de Araújo

Registro FBN no.: 431.101
Livro: 807 Folha: 261

cicero.soares.a@gmail.com
camaleao.vazio@uol.com.br

Verão/2009

CONCEITO DE LONGA METRAGEM

Brasil, limiar de 2008. A mítica de um país desenvolvido pulsa novamente, anseia deixar de ser uma promessa sempre adiada e adquirir contornos de realidade. Em cada grande região do país revelam-se mudanças significativas, em cada uma delas uma vocação é intensificada: o eixo Rio-São Paulo como produtor e difusor da *imagem do entretenimento* cada vez mais apurada; no Centro-Oeste, a grandiosidade do agro-negócio de exportação desconhecendo fronteiras; e o Nordeste que vê a transposição do Rio São Francisco sair do papel.

Supondo que uma nova etapa da realidade brasileira esteja em curso, cremos não muito longe da verdade presumir também que as recentes cinematografias nacionais não a tenham contemplado de maneira satisfatória. Como se elas, hesitantes, continuassem a um passo atrás, não conseguindo abordar o que já se encontra transformado, e o auto-retrato brasileiro permanecesse atolado entre as balizas do seguinte maniqueísmo: ora investindo na resgate cultural de um tempo perdido, talvez para lhe reparar as injustiças, ora aceitando como irremediável a mescla do antigo com o moderno, mas somente para mostrar a degradação de cenários e personagens com a intrusão de elementos modernizantes. O resultado desses cinemas, acreditamos que não se diferenciam: o turismo visual e a vitrine dos trejeitos locais persistem, como sentimento de culpa enrustido no primeiro caso e veladamente cínico no segundo, ao exibir um folclore patético derivado da mistura de signos anacrônicos e contemporâneos. Como alternativa a esse recorrente maniqueísmo, é que pretendemos desenvolver o roteiro de Um Velho Chico.

Em primeiro lugar, privilegiando a ótica de personagens femininas, cada qual em uma das três frentes regionais citadas acima e geração de uma mesma família. Mulheres que, de acordo com suas progressas trajetórias, conquistaram situações econômicas confortáveis ou no mínimo estáveis – a despeito de suas ocupações não convencionais, reveladas gradativamente de modo a diluir os clichês costumeiros. E que terão diante de si, conseqüentemente, a imagem consolidada de um país que teria alcançado o *status* de desenvolvido – entornos de prosperidade que, no entanto, não passariam de ilhas de isolamento às personagens, separadas pela distância e ressentimentos que restam silenciados. Com mãe e filha inicialmente no interior de Mato Grosso e na cidade de São Paulo, as motivaremos então a superar seus conflitos familiares e existenciais com o regresso simultâneo – mas sem que uma da outra o saiba – ao vilarejo de origem, em Pernambuco, nas proximidades das divisas com os Estados da Bahia e de Alagoas, onde se desenrola uma trama cujo desfecho é vital para a matriarca da família – trama que reproduzirá fato público e notório, nas margens da discórdia da transposição do São Francisco.

Em se tratando de narrar uma *volta às origens*, proporcionaremos então a Um Velho Chico moldura épica e moderado tom de fábula: com a voz narradora de uma criança – a quarta geração dessa família ainda por nascer, indicada como tal só na última cena –, que pontuará com digressões algo precoces momentos importantes da história, ou desta extraindo pequenas e singelas lições morais. E como desejamos que essa voz exterior proporcione uma impressão dúbia, ela trará vez ou outra imagens realistas, “sujas” e em P&B, inseridas no foco predominante, “limpo”, da narrativa.

Ambivalência, aliás, que esperamos ser pedra de toque a Um Velho Chico desde o título: condição exclusiva à mulher, seu “velho destino”, e lugar de clímax da história, ocasião mágica do acerto de contas com o passado, onde se deixa para trás o que resta de peso morto a um papel subalterno. E além: para além de um drama familiar e de seu contexto factual, uma história que procurará sondar o ingrediente não decifrado do impasse entre o antigo e o moderno, e assim idealizar uma nova perspectiva, a liberação de um devir talvez nunca antes imaginado.

PERSONAGENS¹

MAIÁRA

21 anos, branca, cabelos castanhos, longos e lisos. Esbelta, corpo e feição de modelo, beleza um pouco improvável, como aquelas encontradas em capas de revista de moda. Distingue-a também os lábios grossos e provocantes. Mas há um certo contraste entre a característica física invejável de Maiára e sua voz grave, algo envelhecida. E, apesar de sua pose graciosa, de ser extremamente natural à jovem desfilando sua beleza, o comportamento de Maiára às vezes oscila entre a arrogância e uma introspecção que beira à melancolia.

Logo que faz 18 anos, Maiára decide aventurar-se na metrópole paulistana, pois se sentia uma estranha com seus pais – de fato, sua beleza “universal” não condiz com a aparência “regional” deles. Mas o que importunara realmente Maiára foi a prostração do pai alcoólatra e os rompantes deste, que ameaçavam chegar às vias de fato, à agressão física contra as mulheres da casa. E a complacência da mãe, que cuidava do marido com infinita resignação, como a uma criança que teima em não crescer. Em São Paulo, Maiára consegue virar-se por algum tempo como empregada doméstica, até ser contratada por CASSANDRA, uma cafetina de alto luxo que, deslumbrada pela fisionomia singular da jovem, como que lhe adota.

A agenciadora de Maiára tem 49 anos, mas é conservada para a idade. Nos cabelos castanhos, longos, ondulados e brilhantes, nas linhas enxutas do corpo, vê-se que cuida de si há longa data, tendo afinal os meios necessários para isso. Tudo em Cassandra é de uma elegância jovial, mas sem exageros, ela é comedida nas roupas, nos apetrechos que lhe adorna, na maquiagem, nos trejeitos, no sorriso. Como uma segunda mãe a Maiára, faz-se de mentora maternal o tempo todo, mas tal uma impostura, pois é capaz de ser impiedosa, tanto pela indiferença, quanto por atitudes enérgicas, se os interesses dela entrarem em jogo. Ou seja, ela, sem perder a classe, sabe defender com unhas e dentes o luxo que a “profissão” lhe proporciona.

Cassandra envolve Maiára num estilo de vida digno de princesa, prometendo-lhe um futuro honesto como modelo – que em circunstâncias favoráveis Maiára até teria –, mas com a condição prévia de o “financiar” com serviços de acompanhamento e sexuais a poderosos empresários, geralmente homens bem mais velhos. Não existiria, portanto, exceto este, outro futuro à Maiára, assim acredita: que a confluência negativa entre sua origem social e seus encantos é como uma armadilha que a mantém presa à condição imposta por Cassandra. Mas nem isso impedirá o desejo de Maiára de continuar aventurando-se em busca de seu verdadeiro lugar no mundo.

¹ Julgando facilitar a apreensão das relações entre as personagens principais e os coadjuvantes, decidimos apresentar em tópicos somente as protagonistas, inserindo a descrição necessária aos personagens *auxiliares*, indicados em caixa alta, no corpo descritivo daquelas. Entendemos como auxiliar quem representar o pólo de recuo ou o de impulso aos limites das protagonistas. Ou seja, de um lado, amarrando-as ao passado, impedindo que a transição do que estão vivendo seja completada e, de outro lado, lançando-as ao futuro, para elas se assenhorem do que ainda falta a suas vidas.

De outra parte, deve-se salientar que o fator sexual não a indispõe tanto assim. Sexualmente, Maiára se realiza, ela sabe se entregar mesmo a esses estranhos e decrépitos empresários, uma força desejante que, talvez, resida na seguinte explicação, como um desimpedimento ao que é convencional aos relacionamentos sexuais: em razão de um algum tipo de distúrbio hormonal, Maiára nunca menstruou. A par disso, e por causa ou a despeito de um futuro incerto, ela aprendeu a “capitalizar” sua força sexual, acumulando presentes caríssimos, jóias na maioria das vezes, dados em retribuição às fantásticas e surpreendentes noites de prazer que oferece. Como ao empresário AMÉRICO CAVALCANTI, que verá crescer seu interesse em Maiára, em tê-la como exclusiva acompanhante.

Américo é o cliente preferencial de Cassandra, com quem ela aposta garantir sua “aposentadoria”. Aos 70 anos e descasado, o dono da Fazenda Itamaraty e de outras tantas propriedades no país destinadas ao agro-negócio exportador de grãos, ele é como uma versão do ultrapassado rei da soja Olacyr de Moraes, mas com sobrevida empresarial, pois começa a investir pesado nos negócios do biocombustível, comprando grandes extensões de terras próximas ao Médio São Francisco.

Acontece que a meia-idade já pesa à Cassandra, e a desenvoltura de Maiára entre os clientes, embora contribuindo para o sucesso de sua cafetinagem, a deixa mais insegura ainda. Desconfiada dessa exclusividade para com Américo, Cassandra se antecipa e obriga Maiára passar um tempo indeterminado em Recife, para satisfazer um “Coronel” de lá. E é durante a viagem de avião até a capital pernambucana que Maiára conhecerá o TENENTE MIGUEL.

Esse oficial e engenheiro do Exército é negro, 30 anos e uma amabilidade à flor da pele, absolutamente contrária ao que se espera de alguém em fardas, de caráter autoritário. É bem provável que este filho da redemocratização faz questão de agir assim, diplomaticamente, como um conciliador nato, em respeito ao falecido pai, um militante da esquerda. Mas haverá um quê de ambigüidade na inclinação afetuosa e pacífica de Miguel. Ele não deixa de ser um representante da garantia de ordem do Estado, e encarna, em virtude dos novos tempos, uma variação especial, dissimulada, daquilo que representa.

Ao conhecer Maiára, descobriremos que destino deste oficial do exército não é Recife. Surpreendentemente, é a cidade natal de Maiára, Cairu, para onde Miguel fora convocado para uma “missão” muito especial. Cairu é um vilarejo às margens da represa de Itaparica, no lado pernambucano, que se encontra próximo do canteiro de obras do chamado Eixo Leste da transposição do rio São Francisco. Havendo entre os dois, desde os primeiros olhares, uma forte empatia, com promessa de contornos amorosos, e devido à disposição de aventuras de Maiára, aliada a sua curiosidade de finalmente conhecer Cairu – uma vez que seus pais deixaram o lugar logo que nasceu –, ela aceita o convite de Miguel de seguir com ele para lá. E então o casal empreenderá sua jornada, percorrendo de lancha trechos do São Francisco modificados substancialmente pela ação humana, uma

extensão exuberante e moderna, visualmente atípica ao que se conhece do Velho Chico, e que compreende as represas de Xingó e Itaparica e os interiores de suas respectivas hidrelétricas.

Essa manipulação visual dessa jornada através do rio São Francisco será como uma extensão à fantasia ambiente aos olhos da prostituta de alto luxo Maiára. E ao mesmo tempo como uma transição. Residindo no requintado apartamento de cobertura de Cassandra, onde se descortina uma metrópole vista do alto, e freqüentando estabelecimentos não menos elegantes – lojas de roupas de grife, cabeleireiro, tratamentos de pele, academia de ginástica, quase sempre sob a supervisão de Cassandra –, é como se Maiára então principiasse a descida da “cobertura” de seu *confinamento*, com os *sets* e locações fantasiosas e esbranquiçadas de antes passando a ganhar uma coloração, embora carregada nas tintas, próxima ao natural.

DEOLINDA

Na casa dos 40 anos, a mãe de Maiára é de uma corpulência que se sobressai como força. Queimada de sol, cabelos escuros não muito longos, levemente ondulados e crespos, ela é tipicamente nordestina. Embora aparente ser branda e simpática, seus movimentos denunciam uma personalidade firme e determinada.

Entre uma dezena de irmãos, Deolinda é a filha caçula de uma mãe que não vê há duas décadas. Nem ao resto da família, sabendo de suas vidas somente através de esporádica troca de correspondência com seu irmão imediatamente mais velho, RINALDO, o interlocutor da família Mendes Sá e como um resumo dela – pelo menos da parte família que ficou meio deslumbrada e meio arrogante ao se empregarem nos setores mais ou menos desenvolvidos da economia nordestina, indústria têxtil, fruticultura e telecomunicações, e galgado à classe média.

Em Cairu, aos 19 anos, Deolinda engravida de ALCINDO – atualmente com 48 anos, num corpo franzino, consumido pelos problemas com o álcool –, casa-se com ele, nasce Maiára e partem os três para a Capital Federal, buscando uma situação econômica melhor. Talvez tenha forçado a gravidez, o casamento e o êxodo para deixar a opressão – mais sentida do que real – dos irmãos e irmãs mais velhas e dos pais, e a angústia – mais real do que sentida – da falta de perspectiva no vilarejo. Ela deixa Cairu e os familiares sem nenhuma desavença aparente, mas esse tempo todo sem os visitar, e a extrema habilidade de impedir-lhes de fazer o mesmo, sinalizam sentimentos mal resolvidos.

Chegando com Alcindo primeiro nos arredores de Brasília, vivem aí durante uma década a duras penas, seguindo depois para o interior de Mato Grosso, onde conseguem se estabelecer definitivamente, ela como rendeira autônoma, atividade que a mãe lhe ensinou, e ele como trabalhador na promissora agro-indústria da soja, sendo empregado na Fazenda Itamaraty. Aí conhecem o seu superintendente, MALAQUIAS, que é homem de confiança do proprietário dessa fazenda, Américo Cavalcanti.

Também de origem nordestina, solteiro, um ou dois anos mais velho que o marido de Deolinda, Malaquias é o Alcindo que deu certo. E que acaba se apaixonando por ela. Sentimento, contudo, que mantém enrustido, não só em respeito à condição do já alcoólatra Alcindo, mas também porque lhe admira os cuidados dela para com o companheiro. Malaquias que tudo acompanhou, Alcindo passar de um simples ajudante na Fazenda Itamaraty a operador de colheitadeira, enquanto Deolinda dividia-se entre a criação da filha, as tarefas domésticas e as de rendeira. E a desgraça da família, o alcoolismo de Alcindo tornar-se crônico, Maiára abandonar os pais e a fortaleza de Deolinda revelar-se. Malaquias que não só ajudou nos trâmites da licença-médica e no que fosse necessário à recuperação de Alcindo, mas também ensinando a Deolinda o ofício que era antes do marido Alcindo, até ela assumir, na Fazenda Itamaraty, o cargo de operadora de colheitadeira. Malaquias conselheiro e amigo e, como sempre, escondendo um profundo amor por Deolinda. E a sempre profundamente grata Deolinda, pela ajuda de tantos anos de Malaquias e, sabendo ela perfeitamente o que o movia, por ele jamais ter-se declarado, por nada ter acontecido entre eles e ela assim manter-se fiel a seu fardo.

Como a exploração sensorial do Centro-Oeste por parte de Deolinda é a de uma operária da agro-indústria mecanizada, inscrita na vastidão impactante da cultura da soja, o *confinamento* que cabe à mãe de Maiára, no seu cotidiano com o marido alcoólatra, tornam esses imensos espaços igualmente opressivos. O enfumaçado das queimadas, que “preparam” o solo, e a poeira suspensa das plantações, quando arrancadas e trituradas pelas colheitadeiras, serão indicativos da angústia de Deolinda, como uma fase abrangente do ciclo de seu confinamento. O cotidiano de Deolinda é então uma síntese deste duplo aspecto, indissociável, da colheita: em manter-se fiel a Alcindo, apesar da situação lamentável dele, e dissipar diariamente o próprio lamento nas horas de trabalho operando a colheitadeira através dos vastos campos de plantio.

Mas se Deolinda incrementa a estatística de mulheres que se tornaram chefes de família, seu comando é o de uma família sem filhos, pois nesse meio tempo Maiára, da qual não teve mais notícias, já havia deixado os pais. Objetivamente, ninguém mais poderia suprir essa falta: as complicações do parto de Maiára impediram-na de gerar outros filhos. O que também contribui muito para a instabilidade da relação do casal, além da desconfiança de Alcindo de que Maiára não seja sua filha legítima, tendo o péssimo hábito de, quando bêbado, jogar isso na cara da esposa.

ROSÁRIA MARIA MENDES SÁ

A matriarca da família, que nunca pôs os pés fora de Cairu. A mãe de Deolinda e avó de Maiára tem pouco mais de 80 anos num corpo frágil que, no entanto, não compromete uma postura ainda fortalecida. Cobre freqüentemente com um véu os grisalhos em coque, e não com menor freqüência anda com um rosário preso nas mãos, denotando sua vigorosa fé católica. Mas Rosária não peca pelo fanatismo, suas falas e gestos são de uma sabedoria tal que tornam atraente sua religiosidade.

Com a viuvez de longa data, e não vendo com bons olhos a presunção de sua prole que conseguiu arranjar-se na agricultura de exportação e na expansão da indústria nordestina, abandona o sítio onde mora, também às margens da represa de Itaparica, mas algo distante de Cairu, e passa a viver aí, com o também octogenário PADRE MATEUS BASSI, tornando-se sua fiel escudeira.

Pároco da região, Mateus é um defensor incansável dos ribeirinhos e demais populações que vivem em função do Velho Chico, ainda mais agora que seus fiéis poderão ser irremediavelmente prejudicados com as obras da transposição, perto de Cairu, já em andamento. Ele opta então pela greve de fome, como forma última de protesto para chamar a atenção nacional sobre as desvantagens para os locais desse projeto insano e grandioso. E como a greve de fome obtém algum sucesso, aí entra o Tenente Miguel e sua “missão” especial. O pai deste, já falecido, tinha sido companheiro de luta do jovem Padre Miguel, nos tempos sombrios da ditadura. O Tenente, além de cumprir suas funções de engenheiro especialista, fora então convocado para tentar “amaciá-lo”, apelando aos fortes laços de amizade que o líder religioso teve no passado com seu pai para renunciar a essa maneira extrema de protesto.

Rosária nem compreende tanto o arrazoado da polêmica revitalização *versus* transposição, mas certamente um dos efeitos desta, que lhe atinge direta e imediatamente: Rosária também deixa sua propriedade na zona rural de Cairu, onde passou toda sua vida, porque esta fora desapropriada, integrando o canteiro das obras que levarão as águas do São Francisco para o semi-árido nordestino. Mas há uma motivação adicional que compele Rosária a abraçar a causa de Padre Mateus. Afora seu interesse patrimonial – na verdade, são interesses sentimentais mais do que quaisquer outros, pois com a desapropriação do sítio são colocadas em jogo suas próprias raízes –, e ao lado da admiração por uma espécie de pureza, a tenacidade na luta do religioso até seu martírio, Rosária e Padre Mateus deixam escapar, uma ou outra vez, que existe algo de mundano entre eles, uma relação amorosa que, no passado longínquo, realmente quase aconteceu.

O papel de Rosária, todavia, não se restringe ao de ser apenas “suporte” ao contexto dramático pelo qual atravessa o vilarejo de Cairu. Rosária será também o pivô da reconciliação de Deolinda e Maiára. E mais: como um estopim da liberação existencial de sua neta, ela passando a ser a Maiára o que Miguel fora antes, uma transição, mas numa forma concentrada e na qual agirá um encantamento muito diverso. A simples menção do nome de Rosária, a mãe de sua mãe, ou o reconhecimento desta dos pingentes no pescoço de Maiára – uma miniatura de carranca e um santinho de São Francisco de Assis, dados por Rosária a Deolinda, e desta a sua filha –, são como passes de mágica a partir dos quais Maiára irá liberar-se do seu fardo de estar-no-mundo, aquele devido à contradição entre sua beleza e origem social, e despojar-se das ilusões de um estilo de vida moderno e algo impuro que veio adquirindo até então.

Mas o que lhe fornece tal liberação – e que é recíproco, pois que vai liberar inclusive Rosária a uma segunda chance –, é alguma coisa que deixaremos inominada. Afinal, não é também da eficácia da magia a preservação do segredo de seu mecanismo?

À GUIA DE APRESENTAÇÃO²

Noite, algumas horas após a passagem de 2007 para 2008. Maiára retorna de helicóptero à São Paulo, cujas luzes já despontam no horizonte. Ao lado dela, Américo Cavalcanti. Estão elegantemente vestidos, como a celebração do Réveillon o requer. Ao cruzarem o Pico do Jaraguá, Maiára é presenteada com um colar de diamantes. Ela agradece, mas apenas educadamente, sem demonstrar o mínimo entusiasmo.

Já no apartamento de cobertura onde mora, a jovem prepara-se para dormir. Despe-se do vestido longo, guarda o colar de diamantes em uma caixa abarrotada de jóias e, logo depois de limpar a maquiagem, retira da caixa de jóias uma desgastada correntinha. Presos nela há dois pingentes: uma miniatura de carranca e um santinho de São Francisco de Assis. Cassandra aproxima-se e encosta sua mão no ombro de Maiára, preocupada com o olhar vazio da jovem refletido no espelho da penteadeira ao colocar a correntinha no pescoço.

Ao mesmo tempo, em algum lugar no interior de Mato Grosso. Em sua casa, Deolinda deixa um espelho do quarto e dirige-se ao banheiro, onde Alcindo, de joelhos na privada, termina de vomitar. Deolinda dá a descarga, ajuda o visivelmente bêbado e resmungão marido a se levantar e leva-o para a cama do casal. Retira-lhe as botas, a camisa, ajeita-o na cama e lhe cobre. Alcindo afrouxa suas queixas incompreensíveis e adormece, e então a tolerante e amável esposa vai até a sala, senta-se numa poltrona e retoma o que talvez estivesse fazendo antes, um acolchoado de renda.

Cairu, também em paralelo, onde mãos enrugadas pelo tempo também tecem. Essas mãos interrompem seu afazer, largam bruscamente uma toalhinha de renda e somem. Ainda neste cômodo, passeamos lentamente entre paramentos e artefatos da liturgia católica, até que ficam à vista, no cômodo vizinho, Rosária amparando Padre Mateus, que está sentado em sua cama. Ele tem dificuldades para se levantar e Rosária o ajuda, e a vestir sua batina, diante um grande espelho ao lado da cama, sob o olhar do Cristo crucificado na parede, às costas de ambos.

Volta à Maiára, que se ergue rápida, fugindo da mão apreensiva de Cassandra em seu ombro. No banheiro todo de mármore branco, suntuoso como o resto da cobertura, Maiára abre as torneiras da hidromassagem. O som das águas derramadas ganham um força descomunal, como a da vazão através das comportas totalmente abertas de uma hidrelétrica.

² Inspirado por “Quase”, música de Luiz Tatit, do álbum “Felicidade” (1997), como tema das protagonistas.

ARGUMENTO

2008 inicia-se e, a centenas de quilômetros uma da outra, Maiára e Deolinda retomam seus respectivos cotidianos. O de Maiára resume-se nos cuidados com a aparência, além de Cassandra provê-la com aulas particulares de etiqueta, línguas e conhecimentos gerais, com o intuito de “valorizar” a jovem para a exigente clientela de sua cafetinagem. Mas essa valorização, para um cliente em especial, já passa da conta: Américo Cavalcanti está cada vez mais desejoso por Maiára. A gota d'água para Cassandra ocorre durante uma grande festa, onde Maiára figura, entre jubilosa e intimidada, como o centro das atenções. Lá, a jovem desfila aos olhos cobiçosos de outros velhos empresários e prostitutas de luxo, terminando nos braços de Américo, como se ela fosse o primeiro prêmio conquistado.

Aproveitando-se do convite de Américo para uma viagem a Miami, Cassandra trata então de cortar as asas da pupila. Um dia antes de embarcar com o empresário em seu avião particular, ela trava uma séria discussão com Maiára, em que deixa bem claro porque lhe acolheu, seu verdadeiro “lugar” e suas obrigações, que devem ser rigorosamente cumpridas. Como esta, com dia e hora marcada: ficar à disposição de um “Coronel” no Recife.

A bordo do avião de Américo, também seu homem de confiança, Malaquias. Como Américo está para fechar uma compra de terras às margens do Médio São Francisco, delega a Malaquias a função de averiguar as potencialidade do local para o plantio de cana-de-açúcar. O avião faz uma parada na capital de Mato Grosso, Malaquias desembarca e Américo e Cassandra seguem viagem.

Cercanias da Fazenda Itamaraty. Ao som lúgubre da melodia de “Assum Preto” tirada de um único píforo, o amanhecer delinea as sombras de um conjunto habitacional de casas térreas. Deolinda mora numa delas. Com a colheita da soja a pleno vapor, ela tem trabalhado no turno da madrugada, chegando em casa somente agora, ao levante do sol. Acima dela, um rastro de avião em grande altitude rasga o céu límpido. Sob seus olhos, ao se aproximar do portão da casa, um pássaro preto morto. Dentro de casa, como sempre, lá está o marido Alcindo naquela estado lastimável, dormindo bêbado no chão.

É quando Deolinda pensa seriamente em não prosseguir num casamento sem sentido, que lhe chega uma carta de seu irmão Rinaldo. Nessa carta, o irmão pede que Deolinda venha com urgência a Cairu, onde os irmãos se reunirão pela última vez na pequena propriedade da família, já que ela fora desapropriada para fazer parte do canteiro das obras da transposição do rio São Francisco. Mas a razão principal de Rinaldo requisitar a presença da irmã é que Deolinda seria como um recurso extra para demover a mãe, Rosária, de juntar-se aos protestos contra a transposição, indo morar com o Padre Mateus Bonassi, “o cabeça”, palavras de Rinaldo, “daquela gentinha de esquerda, laia de ecologistas vagabundos e arruaceiros”. E já que matriarca sempre repetia que antes de morrer seu maior desejo era rever a filha mais nova, talvez Deolinda, regressando a Cairu após duas décadas, conseguisse fazer a mãe abandonar essas maluquices. Preocupada com o relato do irmão, Deolinda aconselha-se com Malaquias. E a virada de Deolinda parece já ter sólidos alicerces: Malaquias propondo, Deolinda não hesita, e os dois partem para Cairu, que afinal não fica muito longe das terras que o patrão Américo tem interesse em adquirir.

Aeroporto Internacional de Guarulhos em polvorosa. Nos balcões de *check-in*, filas intermináveis, ânimos a ponto de bala, *overbook*, diversos vôos cancelados. Alheia a tudo e a todos, Maiára remoendo o que Cassandra havia lhe aprontado. Pacientemente, atravessa esse martírio de aeroporto e consegue adentrar o saguão de embarque, também apinhado de gente. E lá está ela, enfim dentro da aeronave que parte para Recife, colocando a bagagem de mão no compartimento acima do seu lugar. Na poltrona da janela, o Tenente Miguel. Maiára já havia reparado no oficial no saguão de embarque. Além do uniforme militar, distinguia-o uma tranqüilidade incomum em meio a todo aquele alvoroço. Maiára pensa nisso, em pé, enquanto arruma sua bagagem de mão, sem perceber que Miguel tem um olhar curioso sobre a jovem. Ficamos em dúvida se é devido ao generoso decote ou são os pingentes da carranca em miniatura e o santinho de São Francisco que lhe chamam a atenção. Durante o vôo, Miguel dirime essa dúvida. Ele indaga a Maiára sobre os pingentes, e o que Maiára lhe confia toma de surpresa o oficial. Mas saber que Maiára nasceu em Cairu não é o bastante para fazê-lo revelar sua “missão” nesse vilarejo.

O vôo faz escala em Maceió, e como termina aí a parte aérea do percurso de Miguel, ele se despedem. Só que, antes de decolar, o avião apresenta problemas técnicos, e os passageiros acabam retidos no aeroporto. Perdida nos espaços de linhas modernas do aeroporto Zumbi dos Palmares, uma Maiára prestes a perder pose e compostura, um novo entrevero aeroportuário foi demais. E é quando lhe chega Miguel, que talvez já esperasse ou até premeditasse reencontrá-la, para lhe dizer a verdade. E para que ela atenda um desejo seu: vez que tem essas obrigações em Cairu como emissário do governo federal, Miguel pede a Maiára que lhe faça companhia. Coincidências à parte, ela aceita o convite. Não só pela aventura de subir de lancha o São Francisco e enfim conhecer Cairu. Principalmente porque o fascínio entre os dois é flagrante.

Deolinda e Malaquias chegam no sítio de Rosária. O lugar, às margens de um braço da represa de Itaparica, está às moscas, embora estacionados ali alguns carros e um caminhão carregado de móveis. Deolinda adentra a casa, detém-se nas coisas que ainda não foram retiradas dali e sente intensamente o vazio, a nostalgia de uma vida que recusou viver naquela casa. Mas o lugar não se encontra vazio, no terreno atrás da casa a família Mendes Sá almoça reunida. Passado o constrangimento e as explicações, ou a falta delas, de tantos anos sem visita alguma, Rinaldo dá a Deolinda os detalhes sobre o que anda acontecendo com Rosária. E ao contrário do que Rinaldo supôs, Deolinda toma partido da mãe, corrobora os próprios argumentos de Rosária contra o descaso dos filhos, que não fizeram absolutamente nada para impedir a desapropriação do sítio da família. No mínimo, deveriam ter feito o que Deolinda faz agora: um *mea culpa*. Assumindo a condição de filha pródiga, Deolinda revela-se pronta para reencontrar a mãe em Cairu, que também pode ser divisada dali, ao horizonte, em outras margens, opostas, da represa.

Após percorrermos com Maiára e Miguel “seletos” e “modernizados” trechos do Velho Chico, Cairu é finalmente avistado. Diante a igreja do vilarejo, uma pequena multidão de curiosos, a maioria locais, e entre estes os manifestantes adversários da transposição. Miguel e Maiára atravessam essa multidão e entram numa casebre adjacente à igreja, com curiosos colados na porta e nas janelas abertas. A elegância do uniforme do oficial e a dos trajes de Maiára, sem contar sua beleza, aguçam a curiosidade dessa gente simples. No interior do casebre, um Padre Mateus acamado, sua debilidade

com a greve de fome é visível. À cabeceira da cama, Rosária. O padre pede a Rosária que o deixe a sós com o tenente, Mateus não ignora qual seja a missão de Miguel em Cairu. Rosária fecha as janelas da frente da casa, para dar privacidade aos dois, e estanca diante de uma Maiára assombrada desde que ouviu o nome dessa velha senhora. Rosária, como se a conhecesse desde sempre, coloca ternamente suas mãos nas faces de uma Maiára, e elas saem dali.

Após evocarem as boas lembranças de Miguelzão, estimado pai de tenente e grande amigo do padre, dá-se o confronto verbal entre ambos. Mateus não acreditando que a esquerda, agora no poder, pudesse aceitar o veio explorador, coronelista e reacionário da transposição. Ao que Miguel retruca, que houve ampla consulta à sociedade e que o projeto é progressista, pois modifica as relações produtivas e gera riqueza aos menos favorecidas, além de propor a revitalização do Velho Chico. E retrógrada é essa greve de fome, que cheira a messianismo. E com essas palavras pouco amigáveis vê-se que o impasse é insuperável. O abatimento de Padre Mateus é além de físico, ele sabe que sua causa, política e moralmente, já deu o que tinha que dar. Não ignora a quem cabe a rubrica de vencedor e a quem a pecha de vencido.

Longe dali, caminhando através de Cairu, Rosária conta que Deolinda está hospedada no sítio da família. O novo golpe de espanto sobre Maiára faz com que ela seja toda ouvidos, e Rosária sentencia: que entre elas há uma afinidade mágica tal que nenhuma distância, no tempo e no espaço, e nenhum rancor, por mais insolúvel que possa parecer, são capazes de anular, e tudo desanuvia ao se verem novamente, como se nem um dia sequer houvesse decorrido. E à beira do represa se dá a consagração desse reencontro: algo incomoda Maiára, um líqüido avermelhado e viscoso escorrendo por entre as coxas, que ela recolhe com os dedos e agora, manchado neles, observa atentamente: Maiára menstrua pela primeira vez na vida.

Dias depois, Maiára sucumbe definitivamente ao imaginário de Rosária. A avó como que lhe fantasia com um humilde vestido de algodão estampado, um lenço cobrindo-lhe os cabelos em coque e chinelos de couro, uma típica nordestina. O fato é que a avó arruma Maiára dessa maneira para o reencontro da neta com Deolinda. E assim, envolta na luz de um céu enluarado, Maiára cruza o braço da represa que margeia o sítio numa canoa rústica e delgada, para desembarcar onde sua mãe

ansiosamente lhe aguarda. Um reencontro sem palavras: como num segundo parto para Deolinda e um renascimento para Maiára, a troca de olhares serenos será o bastante para celebrar suas pazes.

Passado um mês, a casa do sítio de Rosária é então demolida. Nas imediações, o canteiro de obras, onde o Exército faz os preparativos para o grosso das construções do Eixo Leste. Vem a noite, também de lua cheia, e dentro de um alojamento o Tenente Miguel ainda trabalha, sozinho, analisando mapas. Maiára entra de repente e avança sobre o oficial. E de novo as palavras aqui se afiguram inúteis: simplesmente eles se entregam a uma noite de amor, a que estavam em dívida.

Foz do São Francisco, meses depois. Rosária numa praia deserta do povoado de Cabeço, lado sergipano da foz, contemplando um farol imerso pelas águas do mar, que ano a ano avança engolindo esse povoado. Chegam-lhe os agora enamorados Deolinda e Malaquias. Os três falam do futuro, de esperança. E Rosária, que deixou Cairu pela primeira vez na vida exatamente para presenciar o ponto final do curso d'água do Velho Chico, já se empolga em conhecer novas geografias, uma montanhosa talvez, antes do término do curso de sua própria vida. E falam de Maiára.

E temos Maiára num amplo quarto em estilo colonial, vestida com uma longa bata indiana cravada de adereços, bem ao contrário do requinte de antes. Maiára retira de uma caixa de jóias, a mesma caixa de quando morava com Cassandra, a correntinha com o pingente de carranca e o santinho, e a coloca no pescoço. Ela sai do quarto, percorre um longo corredor com várias portas e desce um lance de escada de madeira que dá num amplo hall e, logo à frente, uma portaria. Maiára conversa com o atendente atrás do balcão, e descobrimos que o casarão, todo em estilo colonial, é uma pousada, e ela, sua proprietária.

Maiára deixa a pousada num jipe e dirige por estradas de terra ladeadas somente por paisagens rurais. Ela estaciona ao lado de uma porteira aberta, para caminhar numa trilha de pedras que corta um imenso vale, cruzando com jovens mochileiros, um ou outro medindo-a de cima a baixo. A caminhada não é fácil, Maiára respira ofegante e tem no rosto um ar preocupado. E chega onde pretendia chegar: ao lado de uma estátua de São Francisco de Assis, o monumento erguido à época da criação do Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, não muito longe do marco da nascente do Velho

Chico. E é então revelado o que nenhum enquadramento anterior pôde: que Maiára está em gravidez avançada.

Uma inserção de um Tenente Miguel com o olhar vazio, talvez nostálgico, em algum gabinete da Esplanada dos Ministérios em Brasília. Uma única relação sexual foi o suficiente, e nunca mais se viram. Mas a menina narradora³, filha ainda por nascer de Maiára e Miguel, nos diz que a mãe prometera, que no momento certo ela conheceria o pai. E retorna à Maiára, sozinha, nenhum visitante, nenhum turista no local. Ali mesmo, ao lado da estátua de São Francisco, a bolsa estoura, o líquido amniótico derrama-se do ventre da jovem grávida e molha o chão empedrado. No rosto de Maiára, misturados, alarme e risos de satisfação final.

*

³ Só agora no argumento mencionada em razão do que justificamos a seguir. Consideramos a menina narradora constituir a parte mais delicada do projeto de roteiro. Sendo um ponto de vista em segundo grau, descolado dos acontecimentos, suas apreciações, ainda que breves, poderiam “dirigir” psicologicamente o espectador, levando-o a acreditar que ela realmente conta em retrospectiva a história. Mas como queremos propor a impressão de que, antes de *narrar*, ela *aprecia* o que se passa, decidimos nos ater aqui apenas aos personagens diretamente e enquanto envolvidos na história, e verificar se a narradora corresponderá ao que dela pretendemos durante o processo de desenvolvimento do roteiro.